



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**RENATA MARIA SANT'ANNA  
[KAKÁ]**

**(depoimento)**

**2014**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Número da entrevista:** E-437

**Entrevistada:** Renata Maria Sant´Anna [Kaká]

**Local da entrevista:** Centro Olímpico – São Paulo

**Entrevistadoras:** Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

**Data da entrevista:** maio de 2014

**Transcrição:** Suellen dos Santos Ramos

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 20 minutos e 26 segundos

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **Sumário**

Trajetória dentro do futebol feminino; História do Santos Futebol Clube; Dificuldades enfrentadas na atualidade; Organização de campeonatos; Significado e perspectivas após fim do time de mulheres do Santos Futebol Clube; Público e torcida no futebol feminino; Preconceito; Expectativas após a aposentadoria no futebol; Orgulho de ser atleta na Seleção Brasileira; Relação com a família.

C.F. – Renata, fale um pouquinho sobre sua história. Como você começou a jogar futebol e essa história... Algumas barreiras que você enfrentou e até hoje onde você está.

R.S. – Acho que conforme todas as meninas, a gente tem quase a mesma história de futebol, de contar história de futebol. Eu comecei a jogar na rua, depois fui crescendo e fui para a escolinha e aí fui para um time. Depois nesse time a gente conheceu outras jogadoras, o que me levou ao clube, e assim foi crescendo... Essa foi a minha sequência, aí depois de ter passado por esses detalhes, não falando muito... Depois fui pro Juventus<sup>1</sup>... Do Juventus eu dei uma parada no futebol, eu não estava muito legal, estava difícil. E aí parei e fui trabalhar... Depois dessa época eu vi que eu não queria trabalhar, porque eu queria jogar bola, que era o que eu gostava.

C.F. – Trabalhava de quê?

R.S. – Trabalhei em escola, fazia tudo. Desde cuidar da parte da faxina até cuidar das crianças, que era levar as crianças embora ou buscar as crianças em casa. Era um colégio particular. Depois eu vi que não era isso que eu queria, porque eu não estava feliz, aí voltei a jogar de novo. Foi quando eu conheci, tive mais contato com a Loirão<sup>2</sup>. Fiquei um tempinho no São Caetano<sup>3</sup> junto com ela e depois a gente foi pro Santos<sup>4</sup>, em 2005. Depois que eu fui para o Santos, onde a gente se conheceu [Caitlin Davis Fisher e Renata Maria Sant'Anna]<sup>5</sup>. E depois disso não parei mais. A gente acabou que foi construindo uma história em Santos também. Em 2005, não tinha muita coisa, aí depois em 2006, a gente foi para Santos, lá pra cidade. Aí devagarzinho fomos crescendo, 2007 foi onde tudo aconteceu, do Santos ser conhecido. Aí 2008 foi quando mudou, foi quando mudou o nome, não é? Que foi mais conhecido como Sereias da Vila. Foi 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012... E no finalzinho de 2011, foi quando acabou a equipe, por todas as coisas que aconteceu lá com o presidente, porque ele não queria. Em 2012, eu vim para o São José<sup>6</sup> e nesse período de dois anos que eu estou aqui a gente também conquistou muita coisa. Muita coisa aconteceu! Eu acredito que na minha trajetória de vida no futebol, no começo

---

<sup>1</sup> Clube Atlético Juventus.

<sup>2</sup> Fabiana Guedes Rodrigues.

<sup>3</sup> Associação Desportiva São Caetano.

<sup>4</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>5</sup> Contato entre a entrevistada e a entrevistadora.

<sup>6</sup> São José dos Campos Futebol Club.

foi difícil, porque às vezes não tinha dinheiro pra condução, não tinha dinheiro para isso, não tinha dinheiro para aquilo. Depois as coisas foram melhorando e hoje em dia está bem melhor do que cinco, seis anos atrás. E a dificuldade mesmo que eu tive, nesse meio tempo que a gente... Nesse período de Santos e São José foi realmente o começo de tudo, porque eu acho que o começo de tudo é difícil, não é? Começar a se adaptar ao novo clube, se adaptar aquelas pessoas que convivem com você, existe um pouco de dificuldade. Mas tudo se ajeita com o tempo! Hoje eu acredito que está bem melhor. Se eu for falar de dificuldade, a dificuldade que a gente tem é que antes tinha vinte times no Paulista<sup>7</sup>... No ano passado tinha dezesseis e nesse ano já estamos com doze. Quer dizer, muitas coisas melhoraram, mas os times estão acabando por falta de patrocínio, por falta de incentivo. Essa é a dificuldade que a gente enfrenta ainda. Mesmo algumas coisas tendo melhorado, não tem essa ajuda. Então as prefeituras praticamente que nos apoiam. A cidade que tem condições de ajudar uma equipe feminina ajuda, mas tem cidade que não tem condições. Alguns times grandes estão acabando, não é? Essa é a maior dificuldade que a gente tem enfrentado no futebol feminino no Brasil. Eu acredito que poderia ser bem melhor, mas não cresce, não sei por que não cresce. A gente acha que está bom, mas na verdade não está bom... Falta muita coisa mesmo. Só a gente que vive mesmo o futebol feminino que sabe o que precisa, entendeu?

C.F. – E hoje em dia, tem alguns clubes grandes que tem time?

R.S. – Hoje em dia eu acho que o único clube grande que realmente tem time aqui em São Paulo é a Portuguesa<sup>8</sup>. A gente tinha o São Caetano, no ano passado, mas também não vai ter mais esse ano. Lá no Rio [de Janeiro] tinha o Vasco<sup>9</sup>, mas acho que agora vai ser o Botafogo<sup>10</sup> que vai ceder a camisa. Na verdade eles repassam a camisa só para representar mesmo... Acho que o clube em si, não sei se ajuda em alguma coisa, se faz o pagamento de alguma coisa. Mas acredito que a prefeitura também deve entrar junto e de alguma forma ajudar. Porque eu não acredito que seja realmente o clube da Portuguesa que pague algumas garotas, não é? Mas o único time hoje em São Paulo, na primeira divisão, que a gente conhece, é a Portuguesa. São José também aqui é time de camisa, não é? Não é time

---

<sup>7</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

<sup>8</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>9</sup> Club de Regatas Vasco da Gama.

<sup>10</sup> Club de Regatas de Botafogo.

de primeira divisão, mas é time de camisa. Tem o Araraquara<sup>11</sup> também que é time de camisa, mas também é de outras divisões. Quer dizer que a gente poderia também ter mais times de primeira divisão aqui. Uma coisa que está querendo acontecer é o Brasileiro<sup>12</sup>... O brasileiro junto com o povo da *SportPromotion*<sup>13</sup>, junto com a CBF<sup>14</sup>, pedindo que aqui os clubes ofereçam a camisa. Ou ajudem para poder ter um campeonato brasileiro com mais times de camisa. A gente realmente não sabe se isso vai acontecer, foi uma coisa que “rolou” no meio do futebol feminino. A gente não... Eu não fiquei muito feliz, porque tem time que está “ranqueado” para jogar o brasileiro e não pode jogar, porque não tem camisa. Não tem time na primeira divisão disputando campeonato, acho que já prejudicou o futebol feminino. Eles usaram uma coisa legal, mas esqueceram que tem times que não tem. Aí vai ter que pedir para algum clube: "Vocês podem?" Por que é mais ou menos isso, não é? Até o Santos foi assim, era só a camisa emprestada. Depois que virou realmente Santos, da gente poder ir para o clube, de vivenciarmos toda aquela estrutura. Então eles fizeram uma coisa legal, mas esqueceram que o futebol feminino ainda é bem escasso nessa parte de ter time de camisa, entendeu? Vamos ver o que vai acontecer nesse campeonato brasileiro, mas tomara que seja coisa boa.

C.F. – Mas o que você acha que aconteceu em 2012, no final do Santos... Por que acabou?

R.S. – Vivenciando lá dentro aquele momento, realmente o presidente... Creio eu assim, o meu pensamento... O presidente que entrou depois que o Marcelo Teixeira<sup>15</sup> saiu, ele precisava manter o futebol feminino, porque ele não poderia acabar assim de imediato. Porque até então, ele foi reeleito por causa do futebol feminino, porque muitos gostavam do futebol feminino. Então se ele cortasse o futebol feminino, ele poderia ser retirado do comando, não é? Então ele manteve o futebol feminino pelo ano em que ele ficou... Depois teve a outra eleição, e ele ficou... Só que depois ele alegou que precisava de dinheiro e que estava tendo muito gasto com a gente. Que ele precisava pagar o Neymar<sup>16</sup>, que ele precisava fazer isso, isso e aquilo. Só que o mais engraçado é que ele sentava com a gente todo dia, pelo menos uma vez na semana, ele mantinha contato com todas as jogadoras. A

---

<sup>11</sup> Ferroviária Futebol Feminino.

<sup>12</sup> Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

<sup>13</sup> Empresa ligada ao marketing e a promoção de eventos esportivos no Brasil.

<sup>14</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>15</sup> Marcelo Pirilo Teixeira.

<sup>16</sup> Neymar da Silva Santos Júnior.

gente ia pra sala dele e ele falava assim: “Não se preocupem não, que eu não vou acabar com o futebol feminino aqui, o futebol feminino aqui é prioridade.” Então uma vez por semana você escutar do seu presidente, que você... Que ele vai manter a categoria e chega no final do ano, ele fala que não quer mais. Vai entender! Foi o que aconteceu, acho que foi mais por causa do dinheiro, não é? Ele falou uma coisa e fez outra coisa, entendeu? E acabou que acabou.

C.F. – E o que significou para você, como jogadora, o final do maior clube, do maior time de futebol feminino. Terminar assim? O que significou pra você como jogadora. Foi o trabalho das meninas que acabou, foi uma coisa tipo mais de trabalho ou foi uma coisa mais de perspectiva geral do futebol feminino. Como vocês se sentiram?

R.S. – Eu achei que fosse acabar realmente de vez o futebol feminino no Brasil. Porque quando acabou o Santos, ficou muito aquela coisa: “Nossa agora não vai mais.” Porque era o único time realmente de camisa que tinha, e que incentivava... E como a Marta<sup>17</sup> foi pra lá... Muita criança, muita garota, queria jogar futebol, porque queria estar no Santos, queria alguma coisa no meio do futebol. Acho que quando o Santos acabou deu como se fosse uma parada no futebol, mais uma vez aquela parada no futebol feminino. Aquele incentivo que tinha... Muitas equipes acabaram diminuindo também. “Se o Santos que é o Santos acabou, imagina a gente que tem uma equipe pequena.” Acho que prejudicou bastante, 2012 foi um ano meio triste, porque a gente veio pra cá, eu vim pra cá... Que graça tem agora jogar futebol se o melhor time não vai ter mais. E agora até crescer de novo, outro time se formar, fica difícil. Mas a gente cresceu, a gente foi crescendo e acabou que pegamos um pouco o lugar do Santos. Eu acredito que agora tem mais times fortes também, mesmo tendo doze times no paulista, são times fortes. Está um pouco mais equilibrado, diminuiu, mas está um pouco mais equilibrado. Mas foi preocupante realmente quando o Santos acabou, em relação ao trabalho... Porque na verdade o presidente não pensou em ninguém. Ele não pensou que aquela menina precisava daquele emprego ali, porque era um emprego para a gente. Ele não pensou que: “Ah não precisa de nada”. Ele acabou com tudo sem pensar em ninguém. Ele pensou só nele, no clube dele, no que ele tinha que fazer para pagar o Neymar. Eu achei que naquele momento o futebol feminino deu uma caída bem grande e que ficou bem difícil acreditar que poderia voltar a

---

<sup>17</sup> Marta Vieira da Silva.

crescer de novo, mas deu uma crescadinha agora de novo. Tá parado, não cresceu conforme a gente queria.

C.F. – Naquela época você não acha que o Santos tinha bastante torcida?

R.S. – Sim! Tinha bastante torcida quando a gente jogava na Vila<sup>18</sup>, ainda mais quando “teve” a Marta, acho que assim foi o... O ano que a Marta esteve lá, acho que foi em 2009, quando foi a primeira Copa Libertadores<sup>19</sup>. Foram 15 mil pessoas no estádio pra assistir uma final de Libertadores feminina. Eu acredito que tirando os jogos que a Seleção Brasileira fez no... Não sei se foi no Pan Americano<sup>20</sup> ou Olimpíadas<sup>21</sup>, lá no Maracanã<sup>22</sup>, acho que foi a maior torcida de futebol feminino que aconteceu aqui. Depois veio a de São José<sup>23</sup>, foi a final da Libertadores aqui. Eu acho que poderia ser mais assim... Mas tem muita gente que acompanha... A torcida é pequena, mas a torcida incentiva, então a gente sempre fica feliz quando tem um pouco de torcedor. Já está ajudando... Mas se fosse toda vez com 15 mil pessoas seria muito legal. Acho que daria para ver que realmente o futebol feminino está crescendo. Se um dia acontecer de você ir para um estádio para fazer um jogo contra Araraquara e ter 15 mil, 20 mil pessoas... Seria um sonho! Seria bem gratificante ver que o futebol feminino crescendo, tendo seu espaço no Brasil.

C.F. – E quando você jogou a libertadores aqui. Quantas pessoas você acha que tinha?

R.S. – Eu realmente não sei quantas pessoas, mas o Martins Pereira<sup>24</sup> também estava lotado. Estava cheio! O ano retrasado, 2012. As meninas que estavam aqui, que participaram da final, acho que elas sabem quantas pessoas tinha. Mas tinha muita gente! Acho que tinha mais de sete mil pessoas, muito mais, muito mais.

C.F. – Você falou um pouco sobre o crescimento do futebol feminino que está meio degradante... Você acha que ainda existe preconceito no futebol feminino?

---

<sup>18</sup> Estádio Urbano Caldeira, conhecido como Vila Belmiro.

<sup>19</sup> Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

<sup>20</sup> Jogos Pan-americanos.

<sup>21</sup> Jogos Olímpicos.

<sup>22</sup> Estádio Jornalista Mário Filho, conhecido como Maracanã.

<sup>23</sup> São José dos Campos.

R.S. – Eu acredito que ainda há muito preconceito. Apesar de não falarem, não é? Hoje a mulher faz tudo. Independente de qual for o trabalho, se ela é mecânica, se ela é empresária, hoje a mulher tem seu papel no mercado de trabalho. Não só no mercado do trabalho, como no mercado do esporte também. Em todas as modalidades esportivas existem mulheres. Eu acredito que o preconceito está em todo o lugar, não só no futebol, não só no handebol, não só no vôlei... Mas, às vezes, eles puxam mais para o futebol, porque o futebol é um esporte masculino. Eles dizem que é isso, mas eu creio que não seja, é só um esporte praticado por mulheres e homens. Mas é que no nosso país... Os homens do nosso país não aceitam que a mulher possa ser melhor que eles. Enquanto isso existir... O homem não aceitar que a mulher possa ser melhor do que ele, o futebol também vai ser assim, o futebol nunca vai ser aceito pelo homem. Tem aqueles que aceitam, porque convivem com a mulher jogando futebol. E tem aquele que não tem o conhecimento, para eles só existe homem jogando futebol. E assim o preconceito nunca vai deixar de existir. E o dia que ele deixar de existir... O futebol feminino vai crescer e vai ser igualzinho ao masculino, ou melhor que o masculino. Eu ainda quero viver para ver isso, quem sabe um dia o futebol feminino ser do tamanho do masculino. Mas aí o homem tem que aceitar a mulher jogando futebol, porque enquanto o homem não aceitar... Não só o homem, mas as pessoas que estão envolvidas, que tem a capacidade de mudar o futebol. Porque tem a pessoa que tem o poder de mudar o futebol. Mas enquanto não quiserem mudar o futebol feminino, o futebol feminino não vai crescer. Esse é o preconceito, está nas próprias pessoas que trabalham com o futebol feminino, parece que não, mas elas não deixam o futebol crescer.

C.F. – Então como você acha que podia mudar?

R.S. – Acho que a partir do momento que eu lutar para mudar e outras jogadoras lutarem para mudar, mostrar que realmente o futebol feminino tem que ser reconhecido... Já foi reconhecido em outros países. Por que aqui não? Acho que tem que a partir da gente entendeu... Só que não adianta a gente lutar, sendo que tem aquela pessoa que: "Eu dou o sim ou eu dou o não". Não adianta eu lutar, brigar e não ter um "sim" de uma pessoa que é a mais importante para fazer crescer. Enquanto isso, a CBF, ela que é a dona de tudo aqui, ela que comanda o futebol. Se ela falar assim: "O futebol feminino hoje vai crescer, vai ser

---

<sup>24</sup> Estádio Mário Martins Pereira, São José dos Campos/SP.

igual ao masculino." Vai ser! Enquanto existir o poder de dizer o "não", o futebol não vai crescer. Depois que se aparecer com o "sim", se o poder maior aparecer com o "sim", certeza que o futebol feminino vai crescer. Tem que ser deles também, e não só da gente.

C.F. – E você acha que as vozes das jogadoras, suas histórias, são importantes em relação a isso?

R.S. – Eu acho que sim, que assim... O meu ponto de vista é que a gente é o papel mais importante. A nossa opinião sobre o futebol feminino é muito importante, porque a gente está mostrando a realidade. A gente está vivenciando a modalidade. A partir do momento que a gente abrir a boca e falar o que a gente pensa, talvez possa mudar alguma coisa. Já foram feitas algumas coisas, só que jogadoras que falaram foram prejudicadas. Quer dizer... Será que se eu falar alguma coisa, hoje, eu vou ser prejudicada? Porque sempre tem aquela pessoa que é mais autoritária, que tem mais autoridade que você. Pode ser que, por causa dessas coisas, muitas jogadoras ficam caladas. Mas pode ter certeza que tem muita jogadora que pensa: "Não, eu tenho que falar, eu tenho que isso, eu tenho que aquilo." Só que não fala, também fica quieta. A partir do momento que começar a se falar, eu falar, outra jogadora falar e buscar: "Eu quero o melhor para o futebol feminino e eu vou lutar por isso." Eu acho que as coisas vão começar a mudar também. Porque não vai ter como ele fugir, não vai ter como ele falar assim, não tem desculpa, entendeu? Ele vai ter que realmente: "É verdade, eu estou vendo uma coisa... Não, eu já vi [inaudível], eu só não quis acrescentar como ponto positivo." Ainda tem que o poder maior dizer o "sim". Porque não basta a gente falar, enquanto tiver um "não", vai ficar essa "escassa" que está o futebol feminino.

C.F. – Só pra terminar... Qual é o seu sonho em relação a isso ou ao futebol [inaudível]?

R.S. – Eu não... Muitas vezes eu não paro para pensar no sonho depois do futebol. Até porque eu gosto muito do que eu tenho feito, do que eu faço. Mas eu acredito que vai chegar uma hora que realmente vai ter que acabar, não é? Vai chegar a hora de parar de jogar... Mas meu sonho é continuar trabalhando, se não no futebol, em outra modalidade. Estar no esporte... Se eu tenho um sonho, acho que seria o sonho de poder estar ainda no

esporte. Depois que parar de jogar futebol estar no esporte, estar fazendo alguma coisa para ajudar o esporte.

C.F. – E você está jogando na Seleção agora?

R.S. – Eu tenho ido. Eu costumo dizer para as meninas que eu não sou jogadora de Seleção, eu tenho ido para a Seleção. Se um dia eu chegar a ser, quero estar nas Olimpíadas, Pan-Americano, Sul-Americano... Aí sim, eu posso dizer: "Estive na Seleção, participei de uma competição importante." Hoje, eu não acredito que eu seja uma jogadora de Seleção, estou passando pela Seleção, estou tendo a oportunidade ir. Mas se um dia eu puder competir pela Seleção, aí eu vou dizer que sou jogadora de Seleção. Não competi, então não significa estar na Seleção.

C.F. – Mas você sente orgulho de colocar a camisa da Seleção?

R.S. – Ah sim! Porque você tem todo aquele trabalho... Você foi crescendo e crescendo e você pensa assim: "Quero estar na Seleção!" Qual a jogadora que não pensa em estar na Seleção? Acho que é o reconhecimento do trabalho, assim o máximo. Porque depois da Seleção não tem mais o que fazer, só tem Seleção. Não tem Seleção 1, 2 e 3... Tem só a Seleção! Então acho que é o seu... Acho que é o momento mais gratificante da carreira de um atleta é estar na Seleção, porque ele viu todas as coisas que ele fez e que passou... Estar sendo representante de uma Seleção, diante de um momento que é único. Ele tem que aproveitar, eu acho que é o momento mais gratificante mesmo da vida de um atleta.

C.F. – E se eu perguntar se você sempre teve o apoio dos seus pais pra jogar, se houve algum [inaudível]?

R.S. – Não sou muito próxima de todos os meus familiares... Mas dentro de casa, a minha mãe foi a pessoa que mais me incentivou. Eu agradeço a Deus pela mãe que eu tenho e pela oportunidade que ela me deu de poder vivenciar o futebol. Porque acredito que se não fosse ela eu realmente não estaria aqui, já teria mudado. Já estaria em outro lugar, não jogando futebol, não jogando... Ela é a pessoa mais importante! Se for falar de quem me incentivou e que me ajudou foi a minha mãe. Que tirou dinheiro da refeição, do café da

manhã para me dar... Para poder pagar um ônibus, para poder tomar um lanche. Se eu sou o que eu sou hoje, eu agradeço realmente a minha mãe e a dedicação dela... De querer me ver crescer. Eu acho que a minha mãe é a pessoa mais importante na minha vida, no meu crescimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]